

Inclassifi ficáveis

EDUARDO
MAHON

Texto Complementar

Daiane Cristina Pereira

Coletânea
Contos
Estranhos

Inclassifi- ficáveis

EDUARDO
MAHON

Texto Complementar

Daiane Cristina Pereira


Carlini Caniato
editorial

© Editora TantaTinta Ltda, 2021.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução de partes ou do todo desta obra sem autorização expressa da editora (art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998).

Revisado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil, em 2009.

Editores

Elaine Caniato
Ramon Carlini

Capa

Elaine Caniato

Texto complementar

Daiane Cristina Pereira

Revisão

Doralice Jacomazi

Inclasssi ficáveis

Texto complementar

Daiane Cristina Pereira



Foto: Osmar Cabral Jr.

O autor: Eduardo Mahon

Eduardo Moreira Leite Mahon nasceu no Rio de Janeiro em 12 de abril de 1977 e é filho de Geraldo Martins Mahon e Carla Mahon. Atualmente, mora na cidade de Cuiabá – MT e é casado com a dentista Clarisse Mahon, com quem tem os trigêmeos José Geraldo, Eduardo Gabriel e Eduardo Jorge.

O autor graduou-se em Direito pela Universidade Federal de Mato Grosso no ano de 1999 e hoje é mestre e doutorando no curso de Estudos Literários pela Universidade Estadual de Mato Grosso, onde realiza estudos sobre a Literatura Contemporânea do estado em que escolheu morar.

Na área do Direito, atua como advogado e professor universitário de Direito Processual. Já como articulista e polemista escreve para a *Revista de Mato Grosso*, para o *Portal de Notícias RDM online*, além dos jornais *A Gazeta*, *Folha do Estado* e *Gazeta de Cuiabá*. Sempre tratando de temas atuais e polêmicos, seus textos primam pelo caráter crítico e irônico e por uma linguagem ágil e sagaz.

No campo da Literatura, é romancista, poeta, contista, cronista e dramaturgo, ou seja, um autor completo. Possui 21 livros, entre eles, os romances *A gente era obrigada a ser feliz*, *Mea culpa* e *Eles não podem tirar isso de mim*; os livros de contos *Doutor Funério e outros contos de morte* e *Contos Estranhos*; os livros de poemas pertencentes à Trilo-

gia das Palavras, afora textos para o cinema, para o teatro e acadêmicos sobre estudos literários.

O autor é membro da Academia Mato-Grossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Ganhou alguns prêmios, entre eles, o título de Cidadão Mato-Grossense e a Comenda Estadual Filinto Müller.

Em entrevista no ano de 2019 para o blog *Como eu escrevo* (NUNES, 2019), o autor mostra que é bastante apegado à família, mas arruma sempre um tempo para escrever seus textos, sejam eles ficcionais ou não. Ali ele também nos fala do prazer que tem ao escrever:

Há uma série de motivações e de motivadores. Tudo começa no prazer. Não sei se existe alguém que realmente faça literatura por obrigação. Não que eu desconsidere a profissionalização do escritor. Muito pelo contrário. Suponho que o escritor é uma profissão e deve ser encarada dessa forma e não com um mero deleite, uma espécie de hobby aburguesado. Contudo, é o prazer que me motiva. Prazer do desafio, prazer da superação, prazer da beleza, prazer do grotesco, prazer da competição, prazer da realização e, finalmente, o prazer da transcendência. (NUNES, 2019)

Esperamos que assim como Eduardo Mahon tem grande prazer em escrever, você também encontre prazer em ler *Inclassificáveis*.

A obra de Eduardo Mahon

Como dissemos, Eduardo Mahon é romancista, poeta, contista e dramaturgo e, como um autor bastante completo, não se apega a apenas um gênero literário. Souza (2020, p. 1-12) diz que o autor gosta de brincar com as palavras

e possui uma linguagem ativa e dinâmica. Podemos dizer também que, tanto na poesia quanto na prosa, sua linguagem prima pela ironia e pelo rebuscamento, mostrando a nota fina e certa.

Em seus livros, o autor reflete temáticas bastante contemporâneas, como a questão das novas tecnologias, por exemplo, ao mesmo tempo que discute História do Brasil, ou ainda, temas filosóficos e universais, como a questão da vida e da morte. Seu trabalho é marcado pelo insólito e pelo fantástico que invade a vida real e cotidiana, inserindo-se na tradição do realismo mágico latino-americano, questionando assim nossas certezas, nossas posições sociais e nossas mentalidades fixas, além de nossas crenças mais inquestionáveis.

Por fim, com a defesa incansável da arte e da literatura regional, o autor se insere como uma das novas vozes nas Literaturas brasileira e mato-grossense, nos fazendo enxergar mais sobre o mundo, sobre a arte e sobre nós mesmos.

Inclassificáveis e a narrativa curta

Quando lemos o livro de Eduardo Mahon, temos alguma dificuldade em definir a que gênero literário ele pertence, já que apresenta características do romance, da novela e do conto. Dentre os outros livros do autor, este é colocado na série intitulada *Contos estranhos*, que inclui outros contos e narrativas curtas de Mahon .

No geral, acreditamos que o livro possa muito bem ser inserido no gênero conto, e retomarmos alguns pontos deste gênero ajudaria a entender melhor a obra. No entanto, devemos ter em mente que o autor tem uma tendência a brincar com a linguagem e, nesse sentido, ele rompe com o caráter tradicional de alguns elementos, aproximando-se

às vezes mais da novela e do romance, com a finalidade de expressar melhor suas ideias.

Para melhor entender *Inclassificáveis*, vamos analisar um pouco cada elemento característico do conto e ver como ele funciona na narrativa.

Uma das primeiras características do conto é que ele deve ser curto, ter brevidade. Como gênero literário, o conto é flexível e pode até ser longo, entretanto, segundo alguns teóricos, isso seria ruim, porque ele teria dificuldade em prender a atenção do leitor. Dessa maneira, é interessante que o conto tenha apenas uma ação, um espaço exíguo e um tempo breve e concentrado para que possa manter o maior nível de tensão possível e o leitor fique entretido com ele.

A narrativa estudada não chega a ser muito breve, mas também não é longa como a novela e o romance. Acreditamos que isso acontece porque existe a necessidade de dar conta de toda a modificação causada pela chegada do circo e pelo estabelecimento de todos os seus integrantes na cidade, bem como a reação dos moradores de Cartesinos. Assim, é como se só uma narrativa mais longa, mas não muito, abarcasse as ações e movimentos de André Pinot e Beto Prajá, bem como a adaptação das pessoas às novas situações apresentadas.

Pelo mesmo motivo, acreditamos que o autor desconstrói outro elemento básico do conto, a unidade de ação. No geral, o conto deve ter apenas uma ação, um só conflito, um só enredo, que deve girar em torno de algumas poucas personagens, ou seja, não deve ter muitas histórias, nem muitos atos praticados.

Em *Inclassificáveis*, o autor parece quebrar com a unidade de ação, pois, apesar de parecer contar apenas as consequências da chegada do circo, ele encadeia várias his-

tórias: a própria chegada do circo, o espetáculo circense, o estabelecimento de André Pinot e dos artistas na cidade, a modificação da vida de Beto Prajá, o planejamento de um novo circo e a transformação deste último em dono de circo e dos moradores da cidade em artistas. Segundo esse ponto, a narrativa se aproximaria mais da novela, que possui ações encadeadas, o que é característica deste gênero e não do conto. Esse traço do livro é ousado, porque rompe as próprias convenções do gênero, mas também irá permitir ao leitor assistir à transformação das personagens do circo e de Cartesinos, deixando transparecer nesse processo a necessidade de aceitação daquilo que é diferente e o papel formador e transformador da arte.

Não obstante, o autor ainda segue outro elemento do conto, isto é, a unidade de tempo. O conto é caracterizado por sua momentaneidade, o que significa que ele representa um instante na vida das personagens, um recorte de tempo em suas vidas. Poucas vezes são narrados momentos passados ou futuros, e se existem são narrados em função daquele momento da vida da personagem. Por exemplo, se se narra o nascimento de determinada personagem, ele acontece para justificar o destino na personagem naquele momento. É o caso da narração do nascimento e criação de André Pinot, em nosso livro, que serviria para justificar o porquê de ele ser dono de um circo.

Em nosso livro, o recorte temporal é um instante que corresponde a um momento na vida dos habitantes de Cartesinos, referente à chegada do circo até sua partida, transformado pela presença de novos integrantes. Pelo caráter mágico e insólito de que se reveste a narrativa, é difícil definir quando ela aconteceu, podendo ter ocorrido em qualquer momento no século XX ou XXI brasileiro.

Outra característica do conto com relação ao tempo e que responde à necessidade de brevidade é que ele deve se passar em um espaço curto de tempo, como em horas, dias, meses ou poucos anos. No livro de Eduardo Mahon, não dá para definir com exatidão esse tempo, mas podemos dizer que o enredo se passa em poucos meses, porque não notamos grandes modificações físicas na cidade, nem em seus moradores. Ainda que aconteçam mudanças, a narrativa é reticente sobre se Beto Prajá virou adulto, se André Pinot envelheceu, etc., o que justificaria a passagem de tempo de alguns meses.

Outro aspecto do conto que o autor parece seguir é a unidade de espaço. O espaço, dentro da ficção narrativa, é o lugar onde as personagens circulam, onde elas estão. No conto, esse espaço costuma ser bastante restrito e dificilmente uma personagem se desloca de um ambiente ao outro. Se o faz, corre grande risco de o leitor não ter acesso. No caso desta narrativa, as personagens não saem de Cartesinos e, quando saem, como é o caso do segundo grupo circense, não temos informação sobre a ação que acontece em outro espaço.

Um conto tradicional também tem uma unidade de tom, o que significa reforçar uma ideia central através de palavras do mesmo campo semântico, ou seja, com palavras com significados parecidos. Isso acontece para que se mantenha o clima de tensão e o autor consiga sintetizar a temática do conto. Em *Inclassificáveis*, um bom exemplo disso é a atmosfera de estranheza que temos nos primeiros capítulos, quando da chegada do circo. As palavras do campo semântico da anomalia e do diferente reforçam a ideia do medo e curiosidade que o diferente causa. Além disso, demonstram o preconceito dos habitantes da cida-

de, que, acostumados com a realidade da vida cotidiana e difícil, têm certa resistência para aceitar o que é novo ou diferente.

Além disso, de uma forma ou de outra, o livro também segue a estrutura geral do conto. O conto costuma ser breve, como já dissemos, escrito em primeira pessoa e sua linguagem deve ser objetiva, com a finalidade de ser facilmente compreendida pelo leitor. Não deve ter muitas digressões, assim como as narrações e as descrições não devem ser muito longas. Nesse contexto, o diálogo é com frequência privilegiado.

No livro em análise, apesar de o autor não seguir a forma clássica do diálogo, ele utiliza o procedimento diversas vezes, principalmente quando quer colocar em cena os preconceitos da cidade, o embate de ideias entre grupos, além das ideias sobre o circo e a arte.

Outras características do conto que têm como intenção fisgar o leitor e prender sua atenção são o clímax e o desfecho. O conto deve começar em uma aura de tensão e ela deve caminhar para o clímax e o desfecho. O clímax é o momento em que o leitor é surpreendido por uma mudança ou algum acontecimento extraordinário na narrativa. Já o desfecho é como os acontecimentos se desenrolam, resolvendo a questão que aconteceu no clímax.

Em *Inclassificáveis*, pela variedade de pequenas unidades de ação, existem alguns pequenos clímaxes, como o anúncio de Beto Prajá da chegada do circo e a decisão de André Pinot em ficar na cidade, mas o grande momento de clímax se dá quando os moradores, influenciados pelo “quase anão”, se decidem a montar um novo circo. O desfecho (inclusive marcado textualmente com esse nome) é quando as pessoas da cidade assumem os lugares dos ar-

tistas, estabelecendo-se, assim, um ambiente mágico, que reflete o sonho dos novos integrantes do circo, substituindo o clima de insólito que se constituiu no começo do conto.

Quanto às personagens do conto, elas costumam ser em número pequeno e para serem assim consideradas devem intervir na história. O conto pode ter uma quantidade interminável de personagens, mas apenas algumas agiriam na história. Por considerarmos que a categoria **personagens** seja a mais importante em *Inclassificáveis*, iremos analisá-la em outro tópico, mas já adiantamos que ela também não segue o modelo tradicional do conto.

Assim, podemos dizer que o livro *Inclassificáveis* pode ser inserido no gênero literário conto. No entanto, por quebrar paradigmas para afirmar a arte como construção, desconstrução e aceitação das diferenças, o autor se mostra ousado e a narrativa se torna muito mais interessante.

As personagens de *Inclassificáveis*: o embate entre grupos sociais e a aceitação das diferenças em nome da arte

Como já dissemos, o conto costuma ter poucas personagens que intervêm na narrativa e participam da ação da história. Entretanto, em *Inclassificáveis*, apesar de André Pinot e Beto Prajá serem as personagens principais e, por isso, terem uma ação efetiva na trama, as outras personagens têm protagonismo como grupo social, o que não descaracterizaria o livro como conto.

Como você já deve ter visto em algum momento de sua trajetória escolar, as personagens de ficção podem ser descritas como uma figura humana e humanizada e a narrativa gira em torno dela, ou então, ela contribui para a história como personagem secundária. Além disso, ela pode ser localizada pelo seu nome, pelas suas características físicas

e psicológicas, assim como pelas palavras que utiliza ou as palavras utilizadas pelo narrador para falar sobre ela. Aqui temos um exemplo de como poderíamos localizar uma personagem através da descrição de André Pinot:

No cartão distribuído pelo serelepe pigmeu, lia-se o nome de André Pinot. Mais abaixo estava gravado em letras miúdas o cargo que ocupava à frente da bizarra trupe: Diretor Geral do Fantástico Circo do Doutor Jean Pinot, Chefe de Picadeiro, Domador de Dragões, Embaixador Plenipotenciário de Atlântida e Homem-Bala. (MAHON, 2021, p. 18).

No trecho, ainda que outras informações sejam acrescentadas a essas características conforme o romance avança, podemos reconhecer seu nome, suas características físicas e atitudes, como ser pequeno e muito ágil, além de sua profissão.

Mesmo que sejam classificadas como personagens principais e secundárias, elas também podem ser caracterizadas como personagens redondas e planas. Entender um pouco como essa classificação funciona ajuda a enxergar melhor os detalhes das personagens e as ideias de nosso livro.

As personagens redondas são mais complexas, suas descrições têm mais detalhes, suas atitudes são seguidas mais de perto pelo narrador e temos mais acesso à sua vida íntima. Como podemos constatar em um texto de Antonio Candido (2007, p. 63), elas são personagens mais interessantes, conseguem atingir realizações mais difíceis e suas atitudes nos surpreendem. Suas caracterizações físicas e psicológicas são mais detalhadas e temos acesso aos seus pensamentos, seus temores, seus sentimentos íntimos, suas mudanças de posição, etc.

A personagem Beto Prajá é desse tipo, pois desde o começo da história sabemos que ele é órfão e que serve a todo mundo em Cartesinos para manter a subsistência. Ele também apresenta um caráter bem complexo, pois se mostra medroso e curioso no início. Contudo, com a chegada da trupe circense, mantém uma atitude cética, porém aberta a novas pessoas e experiências, como a amizade de André Pinot, que o auxilia a se repensar e modificar suas atitudes e sua vida, tornando-se ele próprio chefe de um circo, isto é, tem a principal característica da personagem esférica, que é nos surpreender.

As personagens planas são representações de tipos sociais e sua caracterização é constituída apenas através de uma ideia, reincidindo muitas vezes no mesmo tipo de descrição, de comportamento, de atitudes e de palavras limitadas. Por isso, elas são muito restritas e suas características são vistas de fora, pois não temos acesso aos seus pensamentos, sentimentos, decisões, etc. A título de exemplo, utilizaremos a primeira descrição dos moradores da cidade, que não irá mudar muito até o fim do conto:

Os irmãos Barroso, gêmeos que combinavam vestirem-se igual, a viúva Leocádia, mãe de quatro filhos que emigraram de Cartesinos à procura de vida melhor, o pároco labrego que cuspiam sem cessar, o prefeito e a mulher dele, uma senhora redonda que notoriamente pecava com Nico Bola Sete, o mais habilidoso esportista de sinuca. Vieram Mané Torto, dono do botequim colocado em recesso por força maior; Taumaturgo Botelho, o bêbado-filósofo que trocava duas frases de Sartre por uma dose de pinga; Ofélia Rego Alto, a quituteira de mão cheira com especialização em empadinhas de galinha caipira; e a molecada do Centro Edu-

cacional Vigário Seixas ainda de uniforme suado. (MAHON, 2021, p. 13).

Como podemos verificar no trecho, as personagens que representam alguns dos moradores da cidade de Cartesinos são vistas por suas características gerais, como sua descrição, sua profissão, algum defeito, alguma habilidade e atitude. No início, seja pelo fato de o livro ter características de conto ou pelo narrador querer colocar essas personagens como tipos sociais, elas não são aprofundadas e não podemos adentrar em sua vida interior.

O autor se valeria dessas personagens planas, equivalentes a estereótipos literários, muito presentes no imaginário brasileiro, representados pelo padre caturra, pelo prefeito politiqueiro e corrupto, a primeira-dama adúltera, o filósofo bêbado, a mulher grávida abandonada, o dono do boteco conciliador, a solteirona estranha, os irmãos misantropos e inseparáveis, para formar um grupo, uma comunidade incapaz de ver além das coisas práticas do cotidiano, o que gera curiosidade, mas também preconceito e medo, não tendo, portanto, habilidade para aceitar as diferenças.

Cartesinos é uma cidade marcada pelo solo pedregoso, pelo calor, pela falta de chuva, pela pobreza e pela falta de trabalho. Tais marcas da cidade torna as pessoas duras, práticas e temerosas das coisas diferentes. Elas não conseguem inicialmente ver o novo como algo legal ou positivo, por isso, assumem como grupo uma posição de eles contra nós, que só será revertida com a instalação dos moradores do circo e com a ação de André Pinot e Beto Prajá.

O grupo do circo, que no início do livro não tem nem nomes (com exceção de André Pinot e Tirésias), é mostrado quase como seres mitológicos, classificados por suas ca-

racterísticas e capacidades corporais e profissionais. Com exceção do anão André Pinot, os outros são vistos como o vidente, a mulher-gato, as gêmeas siamesas, os ciclopes, o homem-preguiça e a cabeça barbada, ou seja, são nomeados através de suas formas exteriores, como um grupo de pessoas estranhas de quem se deve ter medo.

Assim, se impõe um clima de nós X eles, diferente X igual, normal X anormal, que reflete não só os medos humanos, mas a incapacidade de entender o outro e desfazer-se de uma mente fechada com crenças obtusas. É interessante observar que esse caráter superficial com que vemos as personagens de Cartesinos e da trupe não representa só a incapacidade deles em enxergar o outro, mas também a do leitor. É como se ao não os ver por inteiro, como indivíduos, não conseguíssemos enxergar além das aparências que nos são mostradas. Assim, a narrativa apresenta um olhar humano.

No entanto, as personagens da narrativa se modificam e nós conheceremos melhor os integrantes da trupe circense, acompanhando sua adaptação à cidade, assim como veremos os moradores da cidade aceitá-los, modificando sua mentalidade. Além disso, estes últimos se mostram mais sonhadores e criativos, tornando-se os próprios artistas do circo. Essa mudança pode ser percebida, em sentido geral, como a necessidade de aceitação do diferente e entendimento entre as pessoas. Por outro lado, tal modificação também reflete sobre como a arte, em todas as suas formas, pode ser transformadora, tornando a vida mais interessante, mais sonhadora e mais bonita.

A arte como ação transformadora em *Inclassificáveis*

Nos dias atuais, temos visto a luta das pessoas consideradas diferentes para serem incluídas nos meios sociais,

bem como o preconceito sofrido por elas. Apesar de alguns avanços, pessoas com deficiências, negros, mulheres, idosos e pessoas gordas sofrem preconceito por serem diferentes daquilo que a sociedade tem por padrão. Pensem, por exemplo, como é incomum ver uma pessoa com alguma deficiência física como protagonista de um quadro, de um programa de TV ou mesmo de um vídeo viral do YouTube. No entanto, é necessário que a sociedade, como um todo, tente diminuir os preconceitos e aceitar o outro com sua diferença para criar um ambiente com maior diversidade, somente assim podemos projetar um mundo mais tolerante e melhor.

A literatura e a arte têm um papel muito importante nesse processo, porque, ao discutirem os problemas sociais, nos ajudam a refletir sobre eles e como enfrentá-los. É justamente isso que faz o livro de Eduardo Mahon. Ao construir uma trupe circense, inspirada nos artistas dos *freak shows* dos séculos XIX e XX e nos problemas físicos que apresentavam, o autor reforça o medo e a curiosidade que o diferente pode causar, bem como a violência sofrida pelas pessoas com características físicas diversas.

Essa abordagem reforça que as diferenças são construções sociais e, por isso, são passíveis de modificação. Esse ponto de vista oferece uma válvula de escape, pois demonstra como é possível que todos convivam em uma sociedade diversificada, em que todos possam mostrar seus interesses, suas habilidades e suas necessidades, assim como os integrantes do circo o fazem quando se adaptam à vida de Cartesinos, ou os moradores da cidade tornam-se artistas circenses.

Entretanto, não é só isso que ele mostra, ele também reflete sobre a força humanizadora da literatura e da arte,

representadas aqui pelas atitudes de André Pinot, que fez com que a cidade aceitasse as diferenças, mas também mudou a vida de Beto Prajá, possibilitando que ambos saíssem de uma posição cética para uma mais sonhadora. Sua ação é tão efetiva que permite que as pessoas percebam que a arte, também uma construção, não deve ser só objeto de fruição, de admiração ou repulsa, mas também que todos podem produzi-la.

Dessa maneira, podemos afirmar que com *Inclassificáveis* aprendemos que mudar nossa mentalidade é possível, que aceitar as diferenças é importante para a formação de uma comunidade mais complexa e saudável e que a arte nos humaniza, pois nos ajuda a mudar nossas crenças e nossas percepções sobre nós mesmos e sobre os outros.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antônio. A personagem do romance. *In: A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

MAHON, Eduardo. *Inclassificáveis*. [s.l.]: Carline & Caniato Editorial, 2021.

NUNES, José. *Como eu escrevo*. 2019. Disponível em: <https://comoeuescrevo.com/eduardo-mahon/#:~:text=Eduardo Mahon é poeta%2C romancista e contista>. Acesso em: 19 jan. 2021.

SOUZA, Sandra Maria Alves. Haicais na composição poética de Eduardo Mahon. *Revista Água Viva*, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 1–12, 2020. DOI: 10.26512/aguaviva.v5i2.30907, p. 2.

Obras do autor, pela Carlini&Canaiato:

- Nevralgias
- Doutor Funéreo e outros contos de morte
- O cambista
- Meia palavra vasta
- Palavra de amolar
- Palavrazia
- O fantástico encontro de Paul Zimmermann
- Quem quer ser assim sem querer?
- Um certo cansaço do mundo
- Contos estranhos (*Weird Tales*)
- O homem binário e outras memórias da senhora Bertha Kowalski
- Alegria
- Azul de fevereiro
- A gente era obrigada a ser feliz
- Mea culpa
- Eles não podem tirar isso de mim
- Paraíso em fuga
- Galileu dançou por muito menos
- Inclassificáveis
- Resumo da ópera
- O vírus do Ipiranga
- Contos escolhidos de José de Mesquita (org.)
- Piedade, um romance de José de Mesquita (org.)
- A literatura contemporânea em Mato Grosso